

ABORDAGEM A DEUS

Por Swami Paratparananda¹

Editorial da Revista *The Vedanta Kesari* – maio de 1965²

Há uma concepção de que, a menos que haja temor e reverência, juntamente com os sentimentos concomitantes de submissão e servidão, Deus não pode ser abordado ou adorado. Embora seja fato que essa atitude possa ser uma das formas de se aproximar de Deus, não se segue necessariamente que seja a única. A experiência cotidiana de todo homem no mundo deveria lançar alguma luz sobre essa afirmação. De quem nos lembramos mais? Daqueles a quem tememos ou daqueles a quem amamos? Quem comanda nossa submissão, não adquirida e espontânea, desde cedo? Aquele que tiraniza ou aquele que ama? A única resposta possível é: aqueles a quem amamos. No temor, o fardo da submissão é sempre irritante e é uma compulsão que se busca derrubar no momento em que o sujeito se sente forte o suficiente para fazê-lo ou para desafiá-lo. Mas, no afeto, no amor, o homem não sente esse peso, mesmo que ele o pressione. Não há gemidos sob seu fardo; nem mesmo murmúrios. Pelo contrário, há uma alegria espontânea nessa submissão. Na adoração ou na abordagem a Deus, essa mesma regra se aplica. Na verdade, os sentimentos humanos, sendo o que são, não podem ser multiplicados em número; nenhum novo tipo de faculdade pode ser criado, mas eles podem ser estendidos, expandidos, sublimados. E é isso que acontece em nossa abordagem a Deus. Não se pede que você se prive de seus sentimentos ou crie novos, mas apenas que os direcione para Deus.

Agora, o que infunde em nós temor ou reverência? Não é a imensidão dos poderes ou da glória de Deus? E também um sentimento de alienação d'Ele quando não O consideramos como nosso? "São aqueles que amam a glória eles mesmos que pensam muito na glória de Deus", diz Sri Ramakrishna. Por que deveríamos nos sentir sobrecarregados por Sua glória? Talvez haja em nós um desejo por coisas mundanas e por glória que nos leve a agir assim. Talvez queiramos barganhar com Ele por um pouco de Sua glória. Isso, no entanto, não significa que não se deva apreciar uma bela

¹ Swami Paratparananda foi o líder espiritual do Ramakrishna Ashrama, Buenos Aires, Argentina e do Ramakrishna Vedanta Ashrama, São Paulo, Brasil (1973-1988). Anteriormente, durante o período de 1962 a 1967 foi o editor da revista *The Vedanta Kesari* da Ordem Ramakrishna na Índia. Veja também, <https://estudantedavedanta.net/paratparananda.html>.

² Do editorial original em inglês, *Approach to God*.

paisagem ou um lugar sereno e que eleve a alma. Mas pensar em Sua glória e esquecê-Lo não é o caminho de um aspirante. Sri Ramakrishna costumava dizer: “O que você ganhará contando as árvores, galhos e folhas em um bosque de mangas? Você veio para comer mangas. Coma-as e seja feliz.” O que nos adiantará saber quais são todos os poderes de Deus? E é possível conhecê-los todos? Por outro lado, se realizarmos Deus, O virmos, conversarmos com Ele, isso nos libertará, nos tornará livres. E essa liberdade não é algo como o que vemos no mundo — momentânea e condicionada. É eterna e incondicionada. Ela nos eleva além do plano da consciência mundana, nos envolve em uma luz divina e eterna, nos liberta do medo, das inibições, dos gostos e desgostos, do apego e do ódio. Não é esse um estado desejável? A adoração a Deus nos ajuda a alcançá-lo. Nada mais pode.

Há um verso em sânscrito do poeta Bhartrhari que diz: “No prazer, há o medo da doença; na posição social, o medo da queda; na riqueza, o medo dos governantes; na honra, o medo da humilhação; no poder, o medo dos inimigos; na beleza, o medo da velhice; no conhecimento das escrituras, o medo dos antagonistas; na virtude, o medo dos caluniadores; no corpo, o medo da morte. Todas as coisas deste mundo pertinentes ao homem são acompanhadas pelo medo; apenas a renúncia representa a ausência de medo.”³

Podemos acrescentar que, quando essa renúncia leva à realização de Deus, ela abre as comportas da bem-aventurança eterna, não deixando nenhum espaço para motivos inferiores e medo se afirmarem. É por isso que aquele que tocou a fonte da Verdade, da Luz, não vacila em seu caminho; não teme nada. Ele permanece como as rochas adamantinas que, embora batidas pelas ondas, permanecem imóveis, intactas. Tribulações e provações, misérias e aflições não o perturbam. Quando realizamos Deus, O reconhecemos como nosso, a Alma de nossas almas, nosso Ser mais íntimo. Podemos então chamar isso de servidão ou submissão no sentido em que entendemos a servidão mundana? A quem nos submetemos? Não é ao nosso próprio Ser interior? Haveria algum mal nisso? O que é mais bem-vindo do que conquistarmos nossos impulsos inferiores, as paixões turbulentas e o ego ainda mais forte, e, submetendo-nos ao Espírito Interior, estarmos em paz conosco e com o mundo inteiro? E se a adoração a Deus faz isso, como assegurado pelos homens-Deus e homens de Deus, por que deveríamos nos afastar?

Todas as objeções à adoração parecem surgir da concepção de que Deus é um Ser extracósmico, sentado em algum lugar no céu, acima das nuvens, exigindo submissão implícita sob ameaças de terríveis consequências, oferecendo recompensas e prazeres àqueles que seguem Seus comandos e a punição do fogo do inferno àqueles que os transgridam. Mas a visão hindu de Deus — que Ele é o Espírito Interior de

³ Vairagyasatakam — 31.

todo ser e, ao mesmo tempo, transcende a todos — é muito encorajadora. Aqui, a distância entre a alma e a Alma Suprema se reduz, por assim dizer, a um grau apreciável. A estranheza que o homem inicialmente sente em relação a Deus desaparece, dando lugar a um sentimento de pertencimento. Os sábios e santos experimentaram isso; os *Upanishads* o declaram. O *Chandogya*, por exemplo, aponta: “Aquele *Purusha* que é visto no olho, esse é o *Ātman*.”⁴

Badarayana, em seus *Sārīrika Sūtras*, remove a aparente ambiguidade sobre o significado dessa passagem — se refere ao *Jiva* ou ao *Paramatman* — com dois aforismos: “Aquele que está dentro (é o *Paramatman*); por causa de Suas qualidades serem declaradas.”⁵ Uma segunda passagem que se refere ao ‘interior’ ocorre no mesmo *Upanishad* (I. vi. 6), na qual é dada a descrição daquele Ser dentro do disco solar.⁶ Surgiu a objeção de que esta descrição não pode referir-se ao *Paramatman* - pois Ele é sem forma - e, portanto, deve aplicar-se apenas ao *jiva*, ou à divindade que representa o sol. Esta objeção, no entanto, é refutada. O Senhor Supremo, embora sem forma, assume formas para conceder Sua graça ao *sādhaka* por Seu próprio poder, *Maya*.⁷ Por que isto se torna necessário? É bem sabido que nem todos os indivíduos têm a mesma capacidade de compreensão. Nossos sábios também sabiam disso. Assim, para aqueles que não podem ou não desejam pensar em termos do aspecto sem forma de Deus, são declaradas as formas e qualidades.

Qualquer dúvida remanescente na mente é removida pelo próximo aforismo: ‘E há outro (ou seja, o *Paramatman*, que é diferente das almas individuais que animam o sol, etc.); porque a distinção é declarada.’⁸ Onde esta distinção é proclamada? O *Brhadaranyaka Upanishad* dá a resposta. Não é a divindade representando o sol que se quer significar ao referir-se ao Uno dentro de seu disco, mas ‘Aquele que mora no sol, mas está dentro dele, a quem o sol não conhece, cujo corpo é o sol, e que controla o sol desde dentro, esse Uno é o Regente Interno, teu próprio Ser imortal’.⁹

A *Shruti* nunca se cansa de repetir suas declarações para gravar bem as verdades. Ela repete esta fórmula no caso de todos os elementos, todos os seres, todos os membros do homem e sua mente e seu conhecimento. Aqui vemos quão próximos estamos de Deus e ainda assim não O conhecemos, não O compreendemos. Sri Ramakrishna costumava dar a analogia do cervo-almiscarado. O cervo sentia a fragrância do almíscar, mas sem saber que a fonte da fragrância estava em seu próprio umbigo, corria por todos os cantos da floresta e, quando finalmente cansado, deitava-

⁴ Chandogya Upanisad VIII. vii. 4.

⁵ Brahma Sutras I. i. 20.

⁶ Chandogya, I. vi. 6.

⁷ Citado por Sri Samkara em seu comentário sobre o Br. Sutra Bhashya, I. i. 20

⁸ Br. Sutras, I. i. 21.

⁹ Br. up. 3 7. 9.

se e então vinha a saber que o que buscara em vão lá fora estava dentro de si o tempo todo.

Agora surgiria uma questão: 'Se somos controlados por um poder superior que reside em nós, de que forma somos responsáveis por nossas ações?' Tal pergunta também foi feita a Sri Ramakrishna. E essa questão será repetida por eras vindouras, por pessoas que desejam transferir a responsabilidade de seus atos perversos para outro. Na verdade, eles não acreditam nisso quando repetem que é o Espírito Interior que age através deles. É apenas um véu para enganar os outros. No fundo de seus corações sabem que estão muito longe de acreditar nisso. Eles afirmam seu ego na maioria das vezes. 'Bem', você pode dizer, 'sua lógica é de fato estranha! Você sopra quente e frio ao mesmo tempo. Primeiro diz que tudo é controlado pelo Regente Interior e depois diz que o ego se afirma. Então, que tipo de governante é esse que não pode resistir à força do ego?' A isto respondemos: 'Verdade, parece muito incompatível. Mas você nunca viu uma mãe, com sua benevolência e beneficência, embora guiando os passos e conduta de seu filho, cedendo a suas importunações irracionais? Sim, ela até mesmo às vezes permite que a criança queime os dedos no fogo, embora pudesse, se quisesse, impedi-lo pelo interesse da criança. Mas então ela cuidaria dela novamente assim que terminasse sua brincadeira, aprendendo suas lições. Por tudo isso, você pode insistir que a mãe não era forte o suficiente para conter a criança? Não. Da mesma forma, o Regente Interior (*antaryamin*) não é um déspota. Você recebe um pouco de liberdade para usar suas faculdades, escolher seu próprio caminho, aprender suas lições no mundo, quando não ouve os sábios conselhos que emanam de seu próprio Ser Interior. Ele até lhe permite a liberdade de negá-Lo. Mas aí termina: seu ego entra em conflito com os outros se você o afirmar demais. Então você recorre a Deus, ao seu Ser Interior, em busca de apoio. Onde está então a inconsistência no que dissemos?' Isto é o bastante sobre aqueles que dizem ter livre-arbítrio.

Uma pequena digressão aqui é inevitável, pois o tema do livre-arbítrio foi introduzido. Nosso arbítrio é livre? A resposta é sim e não. Podemos abordar esta resposta de dois pontos de vista. Em primeiro lugar, como já mencionado, certa quantidade de liberdade nos é dada, assim como uma vaca amarrada a um poste pode vagar por um prado, até onde o comprimento da corda em seu pescoço permite, mas não mais. Podemos sentir isso mesmo na sociedade. A sociedade nos dá liberdade para desenvolver nosso caminho individual, claro, sujeito a certas restrições. E quando ultrapassamos os limites estabelecidos, desce seu braço poderoso. O longo braço da lei agarra aquele que transgride seus limites ou invade os domínios alheios. Por mais que desejemos romper esses laços, eles não cedem, apenas nos irritam mais. Não estamos em posição diferente no que diz respeito à 'vontade de agir'. Tantos fatores nos pressionam: nossas tendências inerentes, circunstâncias, ambientes e afins.

Do segundo ponto de vista, enquanto nossa vontade permanecer distinta da Vontade Cósmica, ela não é livre, mas quando a primeira caminha em concordância com a última, não há mais amarras. Tudo o que ela deseja se torna realidade, pois não pode ter desejo separado da Vontade Cósmica. Claro, este último estado só é possível quando o homem atingiu a perfeição completa, quando nenhuma mancha mundana resta nele.

Voltando ao tema da submissão: e aqueles que simulam submissão aceitando a existência de uma Entidade Superior que nos governa? É um jogo perigoso que tentam jogar. Estão enganando a si mesmos. A parábola de Sri Ramakrishna sobre o brâmane - que matou uma vaca e, enquanto se atribuía o mérito pelo jardim e por todas as coisas boas e belas que possuía, imputava o pecado da morte da vaca a Indra, a divindade regente da mão - deveria servir como um alerta muito contundente. Outro exemplo que Sri Ramakrishna costumava citar era o de Duryodhana. Duryodhana disse a Sri Krishna: 'Eu sei o que é retidão, mas não tenho inclinação para praticá-la, e sei o que é iniquidade, mas não tenho disposição para evitá-la. Ó Krishna, ajo como Tu, habitando em meu coração, me fazes agir.' Sri Ramakrishna diz que tal serviço labial não nos fará bem algum: 'Você sabe no fundo do coração que essas são meras palavras. Logo que comete um ato mau, sente uma palpitação no coração.' Disse ainda: seja uno em pensamento, palavra e ação. Pois a sinceridade é condição essencial da vida espiritual. Um homem com confiança sincera em Deus não chega à desgraça. 'Se depositares tua confiança num grande homem, ele não te decepcionará. Que dizer então do Senhor!', observa Sri Ramakrishna.

Tendo dito que temor e reverência, submissão e servidão não precisam ser a única abordagem a Deus, cabe-nos apontar quais outras abordagens são viáveis. Deixaremos de lado a ideia vedântica de 'Âtman é Brahman', pois não é uma proposição prática para todos. A adoração implica três coisas: o adorador, o adorado e o ato de adoração. Lembremos o que dissemos antes: que Deus assume formas para conceder graça ao aspirante. Tudo será mais fácil de compreender se lembrarmos disso. Agora, para Deus com forma, as outras formas de abordagem seriam respeito, reverência e amor. Este último é uma relação íntima. Não somos desprovidos desses sentimentos. Respeitamos e reverenciamos aqueles que são bons e grandes, que possuem virtudes em abundância e que são puros. O homem ama seu pai, mãe, esposa e filhos. A abordagem dos Vaishnavas segue essa linha e pode ser seguida com proveito. Não há convencionalidades a observar, nem restrições a temer na abordagem do homem a essas relações. O homem sente-se uno com elas. Essa é a razão pela qual o homem volta para casa após um dia árduo de trabalho ou uma experiência desgastante, buscando descanso e simpatia. Ele tem certeza do toque reconfortante dos entes queridos ali. Isso o restaura à alegria, dá-lhe coragem para enfrentar a vida novamente, por mais terrível que seja sua forma.

Mas raramente as pessoas encontram amor desinteressado no mundo. É tudo toma-lá-dá-cá, um comércio, e por isso há tanta inquietação nas famílias. Talvez o amor do homem por Deus comece assim. Ele adorará Deus para obter alguns de seus desejos realizados. Em outras palavras, sua devoção é *sakama* (interesseira). Se, porém, o aspirante usar seu discernimento, logo entenderá a vacuidade dos prazeres. O amor a Deus, corretamente direcionado, é capaz de gerar em nós desapego por esses prazeres. Esse é o teste do despertar do verdadeiro amor a Deus. Nada tenta um homem que tem esse amor a desviar-se do ideal. É amor a Deus por Ele mesmo, não por causa de ‘pães e peixes’.

O homem está obcecado com a ideia de que tudo deve ser julgado por seu próprio padrão. Ele quer pesar Deus também em sua própria balança moral. Isso mostra quão antropomórfica é a ideia de Deus do homem comum. Não, até mesmo grandes teólogos e eruditos cometem esse erro. Eles sobrepõem suas próprias imperfeições, incapacidades e deficiências ao Senhor, e postulam que tal ser não merece adoração. Mas um pouco de reflexão mostrará que é pueril falar de bem e mal no transcendente. Rebaixaremos o Senhor transcendente ao nível do homem se tentarmos impor-Lhe nossos padrões de moralidade e afins. Moral e leis são necessárias em um mundo de multiplicidade onde há conflito de interesses. Mas Deus é Aquele que não tem interesses próprios, que não busca prazeres e está em um plano onde não há multiplicidade, nem interesses para colidir. Ele é sempre puro, sempre perfeito, sempre conhecedor e sempre livre. Ele não deseja nada, não quer nada. Se tal Ser não merece adoração, quem mais merecerá? O homem, onde quer que encontre maiores poderes, maiores talentos e maiores virtudes, instintivamente inclina a cabeça em saudação. Então, por que deveria ser arrogante com o Ser mais elevado, que é a realização de todas as virtudes, poder e glória?

